

A EVANGELIZAÇÃO ENQUANTO TESTEMUNHO NA AMÉRICA LATINA E BRASIL: DOCUMENTOS ECLESIAIS ATÉ O FINAL DO SÉCULO XX

Enir Cigognini¹

Resumo: O artigo que segue é parte integrante de um trabalho de conclusão de Teologia, em 2006, que tem por tema a Evangelização a partir do anúncio implícito. Ele se caracteriza por um olhar amplo e introdutório às conferências do Conselho Episcopal Latino-americano (CELAM) que antecederam a Conferência de Aparecida, entre elas recolheu-se a contribuição do Concílio Vaticano II para o tema e, por fim, uma incursão pela Exortação Apostólica *Evangelií Nuntiandi* do Papa São Paulo VI para indicar os elementos mais relevantes ao tema abordado.

Palavras-chave: Testemunho; Evangelização; CELAM; Vaticano II; São Paulo VI.

1 NOTAS INTRODUTÓRIAS

A História da Igreja na América Latina e Brasil está vinculada à chegada dos colonizadores, particularmente Espanhóis e Portugueses, e a todo o processo daí decorrente. Contudo, a presença e o anúncio do Evangelho nessas terras não se restringem a processos de colonização.

A própria Igreja, gradualmente despreendeu-se das zonas de conforto marcadas pela presença do poder político e de uma certa subordinação para dar seus próprios passos. Sinal eloquente desses passos é a organização do CELAM e sua atuação em terras do Novo Mundo.

Com a intenção de auxiliar na compreensão da Evangelização que se dá pelo testemunho, ou seja, pelo anúncio implícito, recorreu-se às conferências do Conselho Episcopal Latino-americano (CELAM), ao Concílio Vaticano II e, sobretudo, à *Evangelií Nuntiandi* como grande legado para a Igreja deixado pelo Papa São Paulo VI.

¹ Professor nos cursos de Filosofia e de Teologia da Universidade Católica de Pelotas. E-mail: filoenir@gmail.com.

2 AS CONFERÊNCIAS DO CELAM²

A Igreja da América Latina e do Caribe está se preparando para a 5ª conferência do Conselho Episcopal Latino-americana (CELAM) que se realizará no ano de 2007 em Aparecida (São Paulo – Brasil). Ocorreram ao longo da história quatro conferências deste nível: Rio de Janeiro - Brasil (onde foi fundado o CELAM em 1955). Entre a conferência do Rio e a próxima, acontece o Concílio Vaticano II (1962 – 1965); depois acontece a conferência de Medellín - Colômbia (convocada e inaugurada por São Paulo VI, em 1968); a seguir Puebla – México (em 1979) e por fim Santo Domingo – República Dominicana (em 1992).

O tema da evangelização perpassou as três últimas conferências mais do que a primeira, embora a carta enviada por Pio XII para a abertura da conferência do Rio de Janeiro (*Ad Ecclesiam Christi*), exorte para que se recorra a novas formas e novos métodos de apostolado (KLINGE, 1993, p. 78).

O tema da evangelização apareceu da seguinte forma nas conferências: Medellín propôs “alentar una nueva evangelización” (KLINGE, 1993, p. 79). Esta conferência aponta para o fato de que a evangelização abarca o homem em sua totalidade, ou seja, tem a ver com promoção humana e com libertação integral. Puebla, por sua vez, definirá o tema da evangelização como seu tema central. A Igreja latino-americana deve responder à seguinte questão:

¿Cómo se ha ido edificando a si mismo la Iglesia, para cumplir la misión salvadora que Cristo le ha encomendado en situaciones concretas y hacia hombres concretos? ' Ésta es una interrogante que la Iglesia debe responder, teniendo presente que la 'misión fundamental de la Iglesia es evangelizar el hoy y el aquí, de cara al futuro' (KLINGE, 1993, p. 80).

Puebla apresenta Maria como Pedagoga do Evangelho e Estrela da Evangelização e reafirma o chamado de todos os filhos da Igreja para serem evangelizadores (KLINGE, 1993, p. 80).

Santo Domingo assume a exigência da Nova Evangelização como sua preocupação central, a preocupação central: se fundamenta no mandato de Cristo aos seus apóstolos “Ide por todo o mundo e fazei discípulos batizando-os em nome

² O texto aqui apresentado é parte do Trabalho de Conclusão de Curso do Bacharelado em Teologia, concluído em 2006. Foram feitos pequenos ajustes para organizá-lo no formato de artigo, sem maiores revisões. Ele é sequência do artigo “*Evangelização na perspectiva do testemunho: fundamentos e história*”, já publicado nesta mesma revista, em 2015 - (<http://www.rsd.ucpel.edu.br/index.php/rf/article/view/2831/1693>).

do Pai, do Filho e do Espírito Santo” (Mt 28, 19); se desenvolve na comunidade; seu ponto de partida é a Igreja que vive um processo de contínua conversão, assim, só uma Igreja evangelizada é capaz de evangelizar; ela parte da certeza de que em Cristo há uma insondável riqueza que não se esgota à nenhuma cultura e nenhuma época (KLINGE, 1993, p.82). Quanto ao conteúdo da evangelização, Santo Domingo afirma que não pode ser outro que o próprio Cristo, Evangelho do Pai (KLINGE, 1993, p. 84). A Conferência de Santo Domingo afirma ainda, na profissão de fé “La renovada evangelización que ahora emprendemos debe ser, pues, una invitación a convertir al mismo tiempo la conciencia personal y colectiva de los hombres, para que los cristianos seamos como el alma de todos los ambientes de la vida social” (KLINGE, 1993, p. 84).

Esta conversão da consciência pessoal e coletiva é um fruto amadurecido cujas raízes podem ser verificadas no Concílio Vaticano II de cuja seiva as três últimas conferências do CELAM estão fortemente alimentadas.

3 RENASCIMENTO MISSIONÁRIO COM O CONCÍLIO VATICANO II

O Concílio Vaticano II foi um concílio eminentemente pastoral-eclesiológico. Convocado, para surpresa geral, pelo Papa São João XXIII, em 1962. O pontífice desejava que o Concílio não fosse uma repetição dos anteriores,

ele queria, para os dias de hoje, uma releitura da doutrina já definida no passado. O Vaticano II teria que se preocupar fundamentalmente com o caminho necessário para o mundo de hoje abrir-se ao Evangelho: como evangelizar? Como anunciar o Evangelho para o mundo de hoje e como vivê-lo neste nosso mundo? (SANTOS, 2005, p. 17).

O Papa São Paulo VI que orientou o Concílio após a morte do Papa São João XXIII, acrescentou o elemento eclesiológico através das questões: “Igreja o que dizes a ti mesma? Como a Igreja dialoga com o mundo de hoje?” (SANTOS, 2005, p. 17). Segundo o Cardeal Aloísio Lorscheider, as duas palavras-chave do Concílio foram *aggiornamento* (que significa o aspecto encarnacionista do mistério da Igreja, sua historicidade) e também o *diálogo* da Igreja com ela mesma, com as outras Igrejas, com as outras religiões e, inclusive, com os não crentes (SANTOS, 2005, p. 18 – 19).

Anteriormente ao concílio, entre o século XVIII e IX, embora na Europa o cristianismo esteja enfrentando uma crise violenta, fora dela as Missões alcançam o mundo inteiro e com uma vitalidade incrível.

A Missão começa a ser estudada e inicia-se um processo de aprofundamento que auxilia no trabalho missionário. Do período pré-conciliar destacam-se cinco encíclicas destinadas às missões e aos missionários: *Maximum Illud* (1919) de Bento XV, trata-se de uma verdadeira revolução na mentalidade missionária, nela, basicamente, o Papa propõe a promoção do clero indígena, abandono do espírito nacionalista por parte dos missionários e reconhecimento do valor das culturas indígenas; *Rerum Ecclesiae* (1926) de Pio XI, que ficou conhecido como o Papa das missões, ele instituiu o Dia Mundial das Missões e ordena os primeiros bispos chineses e japoneses; *Fidei Donum* (1947) de Pio XII, nela, o Papa exorta leigos e padres seculares para que desenvolvam atividade missionária direta, ele ordena, em 1939, os primeiros bispos Africanos; *Evangelii Precones* (1951) ainda de Pio XII, Conclama ao respeito e aproveitamento de tudo de bom que há nas culturas dos povos; *Princeps Pastorum* (1961) de São João XXIII, nela o santo padre faz um balanço da ação missionária e põe a Igreja toda em estado de missão, também constata que a reflexão teológica acerca da missão é fraca até o século XX, este debate entrará no Concílio (POR UMA IGREJA TODA MISSIONÁRIA, p. 25).

Especificamente sobre a evangelização o Concílio promulgou o Decreto *Ad Gentes*. O marco inicial deste decreto foi as mais de cem propostas enviadas a Roma no período de preparação do Concílio. A comissão preparatória recebeu a incumbência de desenvolver cinco pontos: o dever missionário, as vocações missionárias, a formação e a ação missionários, o clero autóctone e o respeito pelas culturas locais, e por fim, as relações entre dioceses e missões. Destas exigências nascem sete esquemas diferentes dos quais dois são escolhidos por serem considerados especificamente missionários. Estes são fundidos e aparece o esquema intitulado “*De missionibus*” de caráter bastante jurídico.

Iniciado o Concílio a comissão recebeu o estudo feito e elaborou outro esquema, essa redação durou até dezembro de 1963 quando aparece uma outra redação aprovada pelo Santo Padre. Novas observações são enviadas a Roma e faz-se assim uma nova redação chamada “*De activitate missionali Ecclesiae*”.

Em julho de 1964 foi novamente enviado aos padres conciliares: novas observações. O esquema foi apresentado na aula conciliar em seis de novembro de

1964 e ficou em discussão até o dia nove, houve vinte e oito intervenções. Foi considerado demasiado genérico e voltou para ser retocado, por sugestão da própria comissão.

Em maio de 1965 foi novamente enviado aos padres conciliares (constava de um proêmio, e cinco capítulos: princípios doutrinários, a ação missionária considerada em si mesma, os missionários, a organização da atividade missionária, a cooperação missionária). Este texto foi apresentado ao Concílio no dia oito de outubro de 1965, houve 193 intervenções.

Deste modo, foram consideradas as emendas propostas e o esquema voltou a ser discutido, desta vez foi enriquecido dum capítulo sobre as igrejas particulares. Finalmente, no dia trinta de novembro aconteceu a votação: 2162 placet; 18 non placet e dois nulos. Assim, depois de uma última votação em sete de dezembro (2394 placet; 5 non placet) o Santo Padre promulgou o documento.

O Decreto Conciliar Missionário *Ad Gentes* (AG) não pode ser pensado isolado do espírito do Concílio. Ele enquadra-se, pois, na rica perspectiva dos documentos conciliares, e, de modo especial, da *Lumen Gentium* e do tema Igreja “sacramento universal de salvação”. Ele aproveita a herança de muitas encíclicas anteriores, porém, dá passos firmes para uma evangelização mais eficaz e adequada à realidade atual.

No decreto AG acentua-se ainda a natureza missionária de toda a Igreja Particular, sem diminuir a importância da vocação missionária específica e dos Institutos missionários. Este decreto conciliar continua sendo a base de toda a reflexão teológica atual sobre a Missão. Mas, à luz dos outros documentos conciliares em cada vocação e em cada serviço eclesial deve aparecer a Igreja sinal transparente e portador de Cristo (*Lumen Gentium*), que anuncia a Palavra (*Dei Verbum*), que celebra o mistério pascal (*Sacrosanctum Concilium*), que é solidária com toda a humanidade (*Gaudium et Spes*), para comunicar a todos a salvação em Cristo, chamando-os a participar da própria realidade da Igreja (AG).

Com este decreto, não apenas com ele, mas o próprio Concílio como um todo, revoluciona a Missão. Antes deles, a Igreja via a Missão como atividade de peritos e preocupava-se com ela uma vez ao ano (em outubro), não obstante a atividade de muitos santos missionários em todo o mundo, ainda assim a missão era uma atividade marginal (POR UMA IGREJA TODA MISSIONÁRIA, p. 37).

O Decreto Ad Gentes apresenta nos números onze e doze o aspecto peculiar da evangelização que é o núcleo de interesse da presente síntese teológica: o testemunho cristão. Os padres conciliares ao considerarem a obra da evangelização enquanto tal falam da necessidade de uma presença nas sociedades que dê testemunho eficaz do Homem Novo assumido no batismo e, ao mesmo tempo, uma inserção na sociedade e a promoção de um diálogo profundo e sincero com aquelas pessoas, procurando descobrir as “sementes do verbo aí ocultas” (AG. 11), essa presença deverá ser também uma presença de caridade, ou seja, ligando-se a todas as pessoas, de qualquer condição ou raça, dedicando-se prazerosamente a eles, e, em especial os pobres e aflitos (AG. 12), auxiliando e dando apoio a todas as iniciativas desses povos na tentativa de melhorar sua condição social, promovendo a paz.

Pode-se afirmar com que com o Concílio Vaticano II, a missão passa a ocupar um lugar especial no coração da Igreja.

4 A EVANGELII NUNTIANDI

No referente à Evangelização, em 1975, é produzido um dos mais belos e profundos documentos no seio da Igreja. Trata-se da exortação apostólica *Evangelii Nuntiandi* do Papa São Paulo VI.

Ela nasce como um documento amadurecido do Concílio Vaticano II e insere-se entre as Conferências de Medellín (1968) e Puebla (1979). Sem sombra de dúvida esta exortação é um grande legado do Papa São Paulo VI. Nela o Pontífice inicia por fundamentar a missão da Igreja, partindo de Cristo Evangelizador para fundamentar uma Igreja toda ela evangelizadora, enviada por Jesus. Em seguida define o que é a evangelização, bem como seu conteúdo. A seguir aponta os caminhos da Evangelização, seus destinatários, bem como seus obreiros. Conclui a exortação falando do espírito da Evangelização.

Nela aparece, mais elaborado que na Ad Gentes, o tema do testemunho como evangelização. São Paulo VI, embora fale da necessidade do anúncio explícito, dá primazia para o testemunho. O número vinte e um (21) da *Evangelii Nuntiandi* apresenta a importância que tem o testemunho de vida para a evangelização. Segundo o Pontífice a

Boa Nova há de ser proclamada, antes de mais, pelo testemunho. Suponhamos um cristão ou punhado de cristãos que, no seio da comunidade humana em que vivem, manifestam a sua capacidade de compreensão e de acolhimento, a sua comunhão de vida e de destino com os demais, a sua solidariedade nos esforços de todos para tudo aquilo que é nobre e bom. Assim, eles irradiam, de um modo absolutamente simples e espontâneo, a sua fé em valores que estão para além dos valores correntes, e a sua esperança em qualquer coisa que se não vê e que não se seria capaz sequer de imaginar. Por força deste testemunho sem palavras, estes cristãos fazem aflorar no coração daqueles que os vêem viver, perguntas indeclináveis: Por que é que eles são assim? Por que é que eles vivem daquela maneira? O que é, ou quem é, que os inspira? Por que é que eles estão conosco? (EN, 21).

O testemunho constitui-se numa proclamação silenciosa, porém eficaz, abrindo caminho para a aceitação de um anúncio explícito posterior. Deste modo, todos os cristãos são chamados a darem seu testemunho e, desta maneira, todos são constituídos em verdadeiros evangelizadores (EN, 21).

O testemunho aparece novamente no número quarenta e um (41) ao apresentar as vias da evangelização. O testemunho de uma vida autenticamente cristã é o primeiro meio de evangelização, segundo São Paulo VI. Para o Papa, “o homem contemporâneo escuta com melhor boa vontade as testemunhas do que os mestres, dizíamos ainda recentemente a um grupo de leigos, ou então se escuta os mestres, é porque eles são testemunhas” (EN 41). Neste contexto, o Papa cita a primeira carta de Pedro onde o autor escreve: “para que, se alguns não obedecem à Palavra, venham a ser conquistados sem palavras, pelo procedimento” (1Pd 3, 1). Assim, será “pelo seu comportamento, pela sua vida, que a Igreja há de, antes de mais nada, evangelizar este mundo; ou seja, pelo seu testemunho vivido com fidelidade ao Senhor Jesus, testemunho de pobreza, de desapego e de liberdade frente aos poderes deste mundo; numa palavra, testemunho de santidade” (EN 41).

Atualmente há um crescimento global da Missão. Cresce o número de missionários principalmente locais. Há uma harmonia entre missão interna e externa. Outra realidade é que os países ditos cristãos cada vez mais são considerados terra de missão, é comum falar em missão nos cinco continentes. Procura-se cada vez mais estabelecer a missão como ser da própria Igreja e não mais como uma pura e simples atividade (POR UMA IGREJA TODA MISSIONÁRIA, p. 41).

5 NOTAS CONCLUSIVAS

Anunciar o Evangelho é da essência da Igreja. Essa missão foi recebida pela Igreja do próprio Cristo. Ele mesmo, sempre anunciou o Reino de Deus com palavras e atos. Não porque assim lhe aprazia, mas sim porque desta maneira sua palavra encontrava eco nos ouvidos dos seus contemporâneos. Como bem afirmou São Paulo VI “o homem contemporâneo escuta com melhor boa vontade as testemunhas do que os mestres, dizíamos ainda recentemente a um grupo de leigos, ou então se escuta os mestres, é porque eles são testemunhas” (EN 41). Diante desta constatação, os cristãos de hoje devem se esforçar para um anúncio sempre mais eficaz, melhorando seus métodos, mas, sobretudo, vivendo o evangelho, “gritar o Evangelho com a vida”, assim dizia Charles de Foucauld.

Olhando por este prisma, percebe-se a quantidade de evangelizadores anônimos que gastaram sua vida gritando o evangelho e dos quais não se conhece a biografia, resta apenas a fé que eles transmitiram. Se, nestes tempos, a estrutura pesa, o esforço deve concentrar-se em mostrar um caminho alternativo digno do Evangelho e não mostrar-se amante da crítica.

É comum em todos os lugares haver pessoas veneradas pelas comunidades cristãs embora não sejam canonizados. É o caso do Pe. Reinaldo Wiest na Arquidiocese de Pelotas. É interessante observar que as pessoas que o veneram, em geral, não lembram suas homilias, ou mesmo suas pregações, o que lembram são seus gestos: que dormia numa gaveta visto que havia doado a própria cama, não possuía bens, as roupas que ganhava doava para os pobres, é muito comum contarem que levava embora o bife que lhe cabia numa refeição para entregá-lo ao primeiro mendigo que encontrasse.

Isso deve estimular os cristãos de hoje para procurarem uma conversão constante e a se preocuparem com a evangelização que estão realizando com suas vidas, com suas práticas. Anunciar o evangelho oportuna e inoportunamente, em todos os tempos e lugares, iniciando por uma vida digna do Evangelho de Jesus. Esse deverá ser o diferencial dos cristãos do terceiro milênio.

6 REFERÊNCIAS

A CARTA A DIOGNETO. Petrópolis: Vozes, 1976.

- ALBERIGO, Giuseppe. **A Igreja na História**. São Paulo: Paulinas, 1999.
- AZZI, Riolando. **A Cristandade Colonial: um projeto autoritário**. São Paulo: Paulinas, 1987.
- BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulus, 2002.
- CESCA, Olivo. **Itinerário da Encarnação**. Porto Alegre: Equipe Regional de Catequese, 1980.
- COMBY, Jean. **Para ler a História da Igreja I: das origens ao século XV**. 2 ed. São Paulo: Loyola, 1993.
- _____. **Para ler a História da Igreja II: do século XV ao século XX**. 2 ed. São Paulo: Loyola, 1994.
- COMPÊNDIO DO VATICANO II. 29 ed. Petrópolis: Vozes, 2000.
- DICIONÁRIO DE CONCEITOS FUNDAMENTAIS DE TEOLOGIA. São Paulo: Paulus, 1993.
- DICIONÁRIO DE ESPIRITUALIDADE. São Paulo: Paulinas, 1989.
- DICIONÁRIO PATRÍSTICO E DE ANTIGUIDADES CRISTÃS. Petrópolis: Vozes, 2002.
- DOCUMENTOS DA IGREJA. **Documentos de João XXIII**. São Paulo: Paulus, 1998.
- EXORTAÇÃO APOSTÓLICA SOBRE A EVANGELIZAÇÃO DO MUNDO CONTEMPORÂNEO. São Paulo: Paulinas, 1976.
- FORTE, Bruno. **A Missão dos Leigos**. São Paulo: Paulinas, 1987.
- _____. **A Trindade como história**. São Paulo: Paulinas, 1987.
- _____. **Para onde vai o Cristianismo?**. São Paulo: Loyola, 2003.
- GALILEA, Segundo. **Evangelização na América Latina**. Petrópolis: Vozes, 1976.
- HISTÓRIA DA IGREJA NA AMÉRICA LATINA. **História da Igreja no Brasil**. Tomo II/1, Petrópolis: Vozes e Paulinas, 1983.
- INSTITUTO DE PASTORAL DA JUVENTUDE. **A pastoral da juventude no Rio Grande do Sul**. Petrópolis: Vozes, 1981.
- KLINGE, Germán Doig. **De Rio a Santo Domingo**. Lima, Peru: VE, 1993.
- LACOSTE, Jean-Yves. **Dicionário Crítico de Teologia**. São Paulo: Paulinas & Vozes, 2004.

LITURGIA DAS HORAS. v. 3. Brasil: Vozes, Paulinas, Paulus e Ave-Maria, 1995.

MESTERS, Carlos. **Paulo apóstolo: um trabalhador que anuncia o Evangelho.** 8 ed. São Paulo: Paulus, 2004.

MONDONI, Danilo. **Teologia da Espiritualidade Cristã.** São Paulo: Loyola, 2000.

NOVA HISTÓRIA DA IGREJA I. **dos Primórdios a São Gregório Magno.** Petrópolis: Vozes, 1984.

PIÉ-NINOT, Salvador. **Introdução à Ecclesiologia.** São Paulo: Loyola, 1998.

POR UMA IGREJA TODA MISSIONÁRIA. **Breve curso de Missiologia.** 2 ed. Florianópolis: Jornal Missão Jovem, [20--?].

SANTOS, Manoel Augusto. **Concílio Vaticano II: 40 anos da Lumem Gentium.** Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005.

SANTOS, Manoel do Rosário dos. **Jesus Evangelizador.** 2 ed. Brasília: Nova Evangelização, 1993.

SECONDIN, Bruno. **Curso de Espiritualidade.** São Paulo: Paulinas, 1993.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do Trabalho Científico.** 22 ed. São Paulo: Cortez, 2002.